



Análise MENSAL

Macroeconomia

MARÇO DE 2020

[Participe de nossa pesquisa de opinião, clique aqui!](#)



1. INTRODUÇÃO

A economia mundial foi muito afetada pelo coronavírus, que por apresentar um potencial de contaminação elevado, acabou fazendo com que a palavra *lockdown* ficasse famosa no mundo inteiro, sendo essa a estratégia para se evitar a propagação da doença.

2020 era um ano que tinha tudo para ser excelente, mas esse pé no freio da produção e consumo mundiais já causa efeitos: a Bloomberg Economics já prevê crescimento zero no ano, enquanto a OCDE prevê crescimento, só que mais modesto, de 1,5%.

Março foi o mês em que as Américas começaram a sentir mais fortemente os efeitos do Coronavírus, com os EUA superando com folgas os números de contaminação da China e o Brasil tendo aumento expressivo nos casos.

Com muitos países de grande economia bastante afetados, o transporte de mercadoria entre países caiu 2,6% só com dados de janeiro, e alguns estudos mostram que a queda pode ser de até 20%, o que seria uma queda sem precedentes.

Com isso, alguns países começam a se preparar para esses tempos difíceis, dificultando a exportação agrícola de seus países: o Cazaquistão, grande produtor de trigo, banuiu a exportação desse e outros produtos; a Argentina aumentou a tarifa de exportação agrícola; o Vietnã não está mais aceitando novos contratos de compra de arroz entre outros.

Por outro lado, isso é uma oportunidade para quem tem grãos sobrando, pois outros países já reduzem suas barreiras comerciais para montar estoques estratégicos.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Com o grande aumento no número de casos de coronavírus nos EUA, a economia passou a sentir alguns efeitos. A quarentena, após a resistência do governo federal, irá acontecer por, pelo menos, 30 dias, para conter a transmissão do vírus. O comércio com o resto do mundo ainda não foi impactado, com números próximos aos normais.

O Federal Reserve (FED) cortou a taxa de juros americanos a quase 0, entre 0% e 0,25%, menor patamar desde a crise econômica de 2008, como medida para sustentar a demanda em um momento em que o presidente pede para que as fábricas não sejam fechadas, pois o custo seria de trilhões de dólares no caso de um fechamento nacional por um mês.

Outra atitude foi o anúncio de um pacote de ajuda de US\$ 2 trilhões, com pagamentos a trabalhadores e empresas pelo tempo sem trabalho, auxílio a desempregados, linhas de créditos para hospitais e, para o agronegócio, facilitação na compra de alimentos e formação de banco de alimentos para evitar que falte comida nas escolas.

O pedido por auxílio desemprego nos EUA saltou de 282 mil no mês passado para 3,28 milhões, devido às paralisações causadas pelo coronavírus, que geraram demissões em massa em setores como comércio, alimentos e outros que tenham contato direto com o cliente.

O dólar começou a perder valor após a expansão da doença sobre os EUA e, principalmente, às grandes somas de dólar anunciadas para conter a crise.

Na União Europeia, a questão da segurança alimentar no meio dessa pandemia ainda está em discussão, mas os primeiros movimentos indicam que haverá algum tipo de auxílio econômico que evite que falte produto nas indústrias de alimentos.

A China, de onde surgiu a pandemia, deve sofrer bastante: segundo o Banco Mundial, o crescimento do país pode ficar em 5,9%, pior resultado desde 1990. Isso deve afetar menos as importações do Brasil, pois pessoas e animais ainda continuarão tendo que ser alimentados.

A Índia também está sofrendo com um corte substancial no crescimento, de 5,2% para 3,5%. O setor agrícola foi exceção da quarentena, para que não houvesse uma grande fome no país.

A Malásia, ao contrário, se viu obrigada a fechar fazendas de palmas devido ao teste positivo de trabalhadores rurais em alguns estados, e o País pode ser obrigado a procurar novos parceiros comerciais para importar arroz, visto que o Vietnã bloqueou suas exportações para evitar escassez deste alimento.

Macroeconomia

MARÇO DE 2020

Outro problema com o arroz acontece também na Tailândia, que está passando por uma seca e, somando-se isso ao coronavírus, é bem capaz que o país também controle exportações, o que deve elevar bastante o preço do grão no mercado mundial.

Nem os comércios fechados em boa parte do mundo estão reduzindo a demanda por café: na Colômbia, por exemplo, muitos exportadores estão fazendo estoques para evitar que ocorra oferta muito abaixo da demanda, pois não se sabe até quando vão os efeitos do covid-19.

A Argentina continua como uma tragédia: além do coronavírus e a diminuição do valor das commodities, os agricultores fizeram uma greve

para protestar contra o aumento do imposto de exportação sobre a soja e a atual situação pode levar o governo argentino a dar um novo calote no FMI.

Não bastasse a diminuição da demanda por petróleo face ao menor vigor da economia mundial, uma briga entre Rússia e Arábia Saudita ajudou a derrubar o preço do barril: a queda foi de quase 50%, com preço no final de março cotado a US\$ 26,60, o que afeta negativamente o setor sucroenergético e o algodão.

Já para as commodities agrícolas houve queda nos preços internacionais de soja, milho e café; entretanto, em função da alta do dólar, os preços reais não foram impactados.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 27 de março, o PIB em 2020 teve sua expectativa mudada para uma retração de 0,48%, devido aos efeitos do *lockdown*, que está deixando áreas comerciais desertas. Apesar desse valor, muitas entidades acreditam que poderá, inclusive, ocorrer uma queda maior da economia, da ordem de 1%, pois ainda não se sabe quanto tempo vai levar a quarentena e quanto a indústria irá produzir, pois há pouco consumo nesse momento.

Ainda segundo esse relatório, a inflação de 2020 está estimada em 2,94%, abaixo da meta de 4%. Esse valor é menor que o último relatório visto que com a economia parada, o consumo diminui e a demanda por produtos e serviços diversos também cai, fazendo com que haja uma pressão negativa nos preços.

O dólar iniciou março cotado a R\$ 4,48 e chegou a R\$ 5,10 no final do mês, o que ajuda a aumentar a competitividade do produto agrícola brasileiro no exterior e ajuda também a mitigar os efeitos da queda no preço das commodities no geral.

Esse movimento também ajuda o produtor pois as commodities estão em baixa, os insumos agrícolas devem ficar mais baratos, enquanto os defensivos agrícolas devem ficar mais caros, se o que aconteceu no passado se repetir, que foi o aumento gerando mais receita extra que a despesa aumentada pelos insumos importados.

O Banco Central reduziu as taxas de juros para 3,75% ao ano e ainda estuda se mais cortes serão feitos em breve, buscando evitar

uma retração muito grande da economia devido ao *lockdown* realizado em praticamente todo o país.

Essa diminuição de juros causa a redução dos custos para o produtor e aumenta a segurança ao se investir no campo, um bom sinal nesse momento de tanta incerteza no mercado mundial.

As exportações do agronegócio brasileiro em fevereiro foram de US\$ 6,41 bilhões, sendo esse valor 6,3% abaixo da exportação de fevereiro de 2018. As importações para a China caíram 8,6%, visto que o país asiático fechou estradas para evitar a transmissão de coronavírus, o que prejudicou a logística nos portos.

A balança comercial da agropecuária brasileira teve no mês de fevereiro um superávit de 5,35 bilhões de reais, queda de 11,57% em relação ao mesmo mês em 2019. Carnes, óleo de soja, algodão e o setor sucroalcooleiro foram os destaques.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, recuou 0,46% na comparação com janeiro, com o segmento de energia e metais caindo muito, enquanto o segmento agropecuário subiu 1%.

O consumo das famílias também mudou no período, com aumento de 20 a 30% no consumo de frutas e queda no consumo de fast food, criando oportunidades para quem teve boas ideias para se adequar a essa mudança rápida e aproveitando-se desse momento para continuar vendendo seus produtos.